

RODRIGUES (José Honório). — *A pesquisa histórica no Brasil*. São Paulo. Companhia Editôra Nacional. São Paulo. (2a. edição), 283 págs.

José Honório Rodrigues acaba de lançar a terceira edição de *Teoria da História do Brasil* e a segunda de *A pesquisa histórica no Brasil*, “revista e aumentada”. Se a *Teoria* aparece bem modificada, a *Pesquisa* tem remodelação completa. Como se diz no prefácio, não se trata de nova edição, mas, realmente, de novo livro. Feita a leitura, percebe-se que o autor tem razão: estamos de fato diante de outra obra, seja pelo tamanho, seja pela qualidade. Quem conhecia a primeira tiragem, lê também esta — pois a matéria é quase tôda nova. O autor retomou o livro de 1952, com vários acréscimos ao capítulo que tratava da evolução da pesquisa, não só no que já apresentava antes como em tarefas significativas realizadas depois. De duas partes, o livro passa a ter seis.

A primeira — Preliminares —, que tinha seis pequenas páginas, aparece agora com quatorze páginas grandes. A segunda — evolução da pesquisa pública histórica brasileira — passa de 29 subtítulos a 41, com desdobramentos inclusive nos itens anteriormente tratados. O volume tem ainda de novo: a terceira parte — os instrumentos do trabalho histórico —, que é o capítulo. “As fontes históricas”, do livro *Teoria*, que fica mais exatamente colocado neste sobre a *Pesquisa*. Novas também são a quarta e quinta partes — Fontes da História Moderna e Contemporânea e Arquivos e Bibliotecas —, de extraordinário valor informativo. Tem-se, aí, a exata conceituação, seguida de exemplos, do que sejam documentos econômicos e sociais, diplomáticos e consulares, públicos (Executivo, Legislativo, Judiciário), jornais, revistas e periódicos, concluindo-se o que é dedicado às fontes de História Moderna e Contemporânea com itens sobre o filme e História e Literatura. Em “Arquivos e Bibliotecas”, há a apresentação dos principais Arquivos brasileiros — o Nacional, os Ministeriais, o do Itamarati, o do Exército, o dos poderes Legislativo e Judiciário, os dos Estados e de municípios, Institutos Históricos, eclesiásticos, de Faculdades, cartórios e até particulares. Não se faz só arrolamento das instituições, mas ainda o seu histórico, com a referência do conteúdo, estado de organização e conservação, além de críticas às suas deficiências. Trata-se também dos arquivos estrangeiros, notadamente portugueses, de modo a fornecer guia para os estudiosos, informando sobre instituições européas, japonesas ou de qualquer país americano. Finalmente, o estudo de Bibliotecas de interesse para o historiador, começando pela Biblioteca Nacional e com a análise de outras do país, do continente e da Europa. Tem-se ainda uma sexta parte, que esboça o Instituto Nacional de Pesquisa Histórica, que constituía a segunda parte na primeira edição. Contém, por último, vários anexos, com notícia de publicações, catálogos e arquivos particulares. Tem-se, pois, nova obra, não simples reedição.

Parece-nos que o maior elogio que se pode fazer a este livro não é dizer que ele é único no gênero, que constitui guia e auxiliar de valor para quantos se interessam pelo estudo da história do Brasil; não é dizer que ele ajuda não só no plano individual dos pesquisadores, mas no plano brasileiro, pois dá elementos para reconsideração, pelos poderes públicos, do material histórico indispensável à nação, que pode vir a ser privada dos instrumentos necessários, caso não atente

para recomendações como as que criteriosamente faz. A verificação dos dois aspectos, exata em toda linha, já constituiria elogio para um escrito e seu autor, assinalando a importância que têm. Parece-nos, contudo, que se deve dizer mais: é que só José Honório Rodrigues seria capaz de escrever o livro.

Obra fundamental na bibliografia brasileira, enriquecendo-a com um roteiro, levantamento, histórico da pesquisa e sugestões de alta valia, ela apresenta esta característica: exprime o seu autor e só poderia ser feita por ele. Requer profunda e fina sensibilidade histórica, compreensão da matéria no seu todo, ao mesmo tempo que informação extensa. Seria o caso de aplicar, forçando um pouco a nota, a distinção de Max Scheler em *O saber e a cultura*, entre o que chamou saber culto e saber erudito. Ambos aqui estão: o culto, no entendimento do problema; o erudito, na informação plena sobre ele, o que se fez, o que há, o que há a ser feito. O livro não é um acaso ou a intenção de escrever certo volume: é fruto de experiência, reflexão, amadurecimento. Denota vida inteiramente voltada a certo campo, que é convenientemente apreendido. Verifica-se, no caso, a coincidência de uma inclinação, um preparo e a oportunidade do exercício de determinadas funções públicas. O fato de José Honório Rodrigues ser historiador e ter sido professor no Instituto Rio Branco; Diretor da Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional — quando deu impulso ao Serviço, notadamente à coleção dos *Documentos Históricos* e *Anais da Biblioteca Nacional* —; Diretor do Arquivo Nacional — que remodelou, modernizou, aplicando-lhe, na medida do possível, o que de melhor vira nos Estados Unidos e na Europa, com outros padrões de funcionamento, com a organização de cursos para especialistas no trabalho, com a edição de livros importantes sobre Arquivos e documentação e que deviam ser melhor conhecidos — a começar pelo memorável Relatório que escreveu ao assumir o cargo e que publicou em 1959, com o título *A situação do Arquivo Nacional* (que bem podia ter sido incluído entre os Anexos do volume que ora se edita). A passagem de José Honório Rodrigues por essa chefia representa o momento mais feliz da história da instituição e mesmo um dos melhores casos de exercício da função pública no Brasil — deve-se consignar. Lembrem-se ainda as missões que desempenhou, por iniciativa própria, oficial ou a convite, por quase todo o país, investigando o que existe em matéria de documentação e quais as deficiências que apresenta, ou viajando pelos Estados Unidos e pela Europa, cujos Arquivos conheceu e estudou. Todo esse passado, assinale-se, dá ao autor entendimento e visão do problema da História e da situação da historiografia no Brasil como ninguém pode ter. No caso, a oportunidade do exercício de funções, o preparo, a lucidez e o gosto do trabalho se conjugaram, para resultado feliz, que é a possibilidade de obra como a que vem fazendo o historiador carioca, que já tem um lugar na historiografia brasileira.

Creemos estar aí o melhor elogio que se pode fazer a José Honório Rodrigues: a importância do que escreve, pelo seu valor e repercussão, o papel do homem público que incentiva mudanças e já teve ocasião de realizá-las e o fato de escrever livros como *A pesquisa histórica no Brasil*, que só ele pode fazer, pela simples razão de que nenhum autor apresenta o mesmo conjunto de qualidades e experiências. Ao verificar o fato, assinale-se que não se quer significar que ele é o

maior historiador do país, em preocupação de ser categórico que nos parece um pouco ingênua. O desejo de fixar quem é o primeiro revela espírito de competição que tem algo de colegial. O que existe é uma primeira linha de autores. E aí é que ele forma. Há outros nomes — poucos, bem poucos — também importantes: há quem tenha escrito ensaios mais brilhantes, por maior poder literário ou de análise; há quem tenha realizado obra mais marcante em certa especialidade, por desejo delimitação de campo. José Honório Rodrigues, no entanto, é o melhor sistematizador das questões da História do Brasil e o que tem contribuído mais para a sua renovação em nossos dias, pela capacidade de trabalho e pelo entendimento da problemática nacional. O que mais tem refletido sobre ela ou repensado sobre sua forma e conteúdo.

Se tivéssemos que traçar resenha crítica de *Pesquisa*, além dos elogios que se impõem, teríamos que fazer algumas observações. Assim, se o autor está certo ao falar na “alertada consciência histórica imperial” (pág. 187) e na censura ao descaso das Universidades pela pesquisa, esta segunda crítica merece reparo. E’ exato, em linhas gerais, que “no Brasil não há pesquisa histórica, nem no Ministério da Educação, criado em 1930, nem nas Universidades federais ou estaduais, criadas também na década de 1930” (pág. 112). O próprio autor cita, duas páginas antes, o exemplo de Recife, cuja Universidade promoveu trabalhos de José Antônio Gonsalves de Melo Neto; se o caso é episódico, não se pode deixar de referir que a Universidade de São Paulo, estadual, há muitos anos dá sólido amparo às investigações históricas, como se poderia demonstrar com exemplos. E’ exceção que deve ser consignada. E mesmo no Ministério da Educação a Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional promove buscas e cuida de documentos, embora a sua atividade principal seja o amparo às obras artísticas. A nota 67, da página 144, devia referir o melhor testemunho sobre o assunto, que não é nenhum dos citados, mas Tolstoi em várias passagens de *Guerra e Paz*. Na relação de Revistas de História, publicadas no país (pág. 171), falta a *Revista de História e Arte*, que se edita em Belo Horizonte desde Janeiro de 1963 e lançou seis números até o primeiro semestre de 1964 e cuja extinção ainda não foi declarada. A referência ao Estado Cartorial (págs. 208-209) devia ser explicitada: como está é empobrecedora, pois a expressão tem sentido mais amplo que o sugerido — não diz respeito apenas a Cartório, em significado estrito. Algumas distrações ou defeitos de redação poderiam ser apontados por crítico de miudeza (páginas 55, 149, 158, 207) — o que não nos parece razoável em obra importante. Lembre-se, por último, que o sexto sub-título da quarta parte — História e Literatura — devia ser mais rico, seja como colocação do tema, seja no aspecto exemplificativo. São reparos destituídos de relêvo, sabemos, mas que devem ser consignados.

Ao mesmo tempo que vai a segunda edição de *A pesquisa histórica no Brasil*, aparece a terceira de *Teoria da História do Brasil*. O livro exerceu e continua a exercer influência no meio universitário, para o qual foi escrito. E’ guia seguro para o entendimento do estudante, que pode, por ele, adquirir consciência do que é a matéria que vai estudar. Sabe-se também que o autor continua o seu esforço de buscas e reflexões sobre a História do Brasil: em plano que traçou, iniciado em 1949 — primeira edição da *Teoria* —, este sobre a *Pesquisa* é o segundo mo-

mento. A obra se completará com a *Historiografia*, ou *História da História do Brasil*, em que trabalha há algum tempo e da qual já publicou mesmo algumas partes (em espanhol, no México, dois volumes — *Historiografia del Brasil* — Siglos XVI e XVII), além de estudos esparsos. Obra longamente amadurecida, deve aparecer em futuro próximo e terá importância — pode-se afirmar sem temeridade, pelo que dela já se conhece. O conjunto *Teoria, Pesquisa e Historiografia* fará um tríptico básico para o conhecimento do Brasil: do ângulo da metodologia, levantamento de fontes e problemas e evolução dos estudos brasileiros será algo único. Demais, o autor promete uma *História do Brasil* e série de volumes de documentos básicos para o estudo da História do Brasil.

O que aqui fica é simples artigo para assinalar as reedições de dois livros de José Honório Rodrigues. Não é o estudo de sua obra, que deve ser feito e é tentação, mas requer maiores dimensões que o artigo. Aí, assinalar-se-á o que é o retrato do historiador. Suas obras — as que têm intuito sistematizador ou os ensaios sugestivos e até provocativos —, o que representam de originalidade no quadro de análises, em revisionismo não só pela amplitude de fontes como pela compreensão da História em função do Brasil moderno, sem o falsamento de interpretações unilaterais, o saudosismo, o país desligado do mundo, mas uma História que é fruto de pesquisa e que não se satisfaz no documento pelo documento, pois que o interpreta pela sensibilidade formada pela ciência social de sua época; uma História viva, que busca compreender o Brasil de agora, seus problemas pela evolução (lembre-se a justa atitude que defende no livro *Vida e História*, de 1966); a História que se pode notar naqueles que absorveram o espírito da ciência que cultivam. O que é raro entre nós, pelos vícios que deformam a maior parte da historiografia brasileira, que ora é feita sem pesquisa, ora sem interpretação, quase sempre com distorções de interesses regionais ou de grupos, ou que é cultivada, de maneira equívoca, como simples erudição, que se basta, ou do ângulo da extrema especialização (que pode ser legítima e fecunda, mas é limitada). José Honório Rodrigues é o homem da investigação servido pela metodologia rigorosa, pela riqueza interpretativa e pelo desejo de enquadrar o seu país no todo de que ele é parte. Não é repetidor do que já foi feito ou dito, mas prefere submeter tudo à crítica. Os largos panoramas de estudo é que o levam a novas visões, a um revisionismo permanente. Sua obra se afirma, pois, pela lucidez e pela operosidade. Daí seu alto significado e a imposição do nome de quem a elabora. A próxima publicação da *Historiografia do Brasil* e da *História do Brasil* fará um dos conjuntos mais ricos para a compreensão do país de ontem e de hoje, dando oportunidade ao estudioso e crítico de fixar com exatidão o retrato de seu autor.

FRANCISCO IGLÊSIAS

* * *

MAURO (Frédéric). — *Nova História e Novo Mundo*. Editora Perspectiva, São Paulo, 1969, 286 págs.

A coleção "Debates" que já se impôs pela qualidade de seus títulos, publica o primeiro volume dedicado especificamente à História — objeto da presente nota.